

Quinta-feira, 12 — 11 — 1953

## TEATRO

## "O escrivão"

IV

Se a oração mimodramática de Luís de Lima não nos agrada integralmente, isso se deve ao coincidir a primeira parte do mimodrama (até a entrada da Viuva) com "O capote", de Marcel Marceau. Gostaríamos que a composição de Luís de Lima não nos lembrasse em nada aquela obra prima da mímica contemporânea. A Luís de Lima não falta talento, técnica e capacidade para nos propiciar uma obra inteiramente original, toda sua, em que não haja reminiscências de outros. O futuro provará a nossa afirmação.

Não obstante essa falha, o trabalho criador do brilhante artista português atinge tal altura, significa tão valiosa contribuição para a arte dramática nacional, que não nos furtamos ao prazer de enviar-lhe desta coluna as nossas efusivas felicitações.

Deixando de lado a primeira parte, divisão arbitrária que fazemos baseados na coincidência com "O capote", as demais cenas do mimodrama foram estudadas com aquela meticulosidade que a pantomima em absoluto não dispensa.

Da cena da Viuva em diante, o mimodrama prossegue em um "crescendo" expressivo que intensifica cada vez mais a atenção do espectador. A entrada e a saída da família da Viuva, um momento satírico e semi-cômico, contrasta com a angústia do Notário em face da resistência passiva de Bartolomeu, criando para aquele uma situação desesperadora. O Notário muda de casa. E a cena da mudança nos mostra mais uma vez os amplos recursos criadores de Luís de Lima. Simplicidade e economia de gestos e movimentos, levados ao máximo de expressividade. A tensão dramática recrudescer com a prisão de Bartolomeu. Novas soluções com a marcha dos soldados, que consome algum tempo, que parece dilatado, mas que está absolutamente certo e correto em relação à forma expressiva da pantomima. Depois, a cena da prisão, com o "rallentando" dos movimentos, com o quente clima de dramaticidade que envolve o público exclusivamente por meio do jogo fisionômico do Notário e de Bartolomeu.

Finalmente, como chave de ouro, a morte. Como se Luís de Lima nos quisesse proporcionar uma demonstração prática de mímica subjetiva: "le type même du thème du mime subjectif est l'étude du thème de la mort".

A arquitetura cênica de Badi Vilató, de soluções extre-

mamente simples, encerra vários achados de primeira ordem, culminando com o da prisão, que é

realmente muito feliz.

A música de Sousa Castro, fundo sonoro, passa quase despercebida na sua tentativa funcional. É de supor que Luís de Lima tenha optado propositalmente por uma composição dodecafônica limitada, tal qual a de Sousa Castro, irreconhecível diante de uma obra de Dallapiccola ou de Schoenberg, a fim de que a inexistência musical se concretizasse de maneira perfeita.

Nem sempre os artistas fazem o que pregam. Jean Louis Barrault escreveu que "tout apport musical dans le mime est donc un sacrilège". (Reflexions sur le theatre, pg. 35). Mas quando cria pantomimas, Barrault introduz nelas músicas de compositores franceses da atualidade.

Luís de Lima mantém-se fiel às leis da pantomima. A musicalidade deve estar somente nos movimentos e gestos. A musicalidade da pantomima não entra pelos ouvidos, mas pelos olhos. Não é auditiva, é visual.

A interpretação pelos alunos da E.A.D. ultrapassou a expectativa geral. Não faltava entre o público quem depositasse ilimitada confiança em Geraldo Mateus, que de fato foi esplêndido como dramático, mas a surpresa da noite foi proporcionada por Jorge Fischer Júnior, que demonstrou talento e dons para a mímica e foi a revelação da noite.

A íntima cooperação dos intérpretes foi um dos elementos do êxito. E para isso contribuíram: Marly Mendonça, Flora Bassaglia, Maria Madalena, Emílio Fontana, Andrade, Paulo Alberto Aloise, Eduardo Waddington, Paulo Celso Rangel e Paulo Aires Mueller.

Parte da assistência, constituída na maioria de pessoas não estreitamente ligadas ao teatro, representantes legítimos do grande público, considerou o espetáculo longo, pesado, algo entediante. É compreensível. Em duas décadas assiste-se no Brasil a menos de meia dúzia de espetáculos que se possam denominar com precisão pantomímicas. É um gênero estranho, ignoto para a grande maioria. Mas não é só. Não obstante ser arte eminentemente visual, por conseguinte bastante perceptível e deliciosa, a pantomima requer compreensão e sensibilidade. O que não há, sobrando, nem aqui nem em Paris! Como disse Barrault: "Hélas bien peu de gens pour le bien comprendre. Presque personne n'y était sensible alors".

NICANOR MIRANDA